

A hora das promessas Saúde

* 7 OUT 1993

O resultado mais importante da publicação do caderno especial *A morte da saúde* foi atenuar a hipocrisia reinante. O ministro da Saúde, Henrique Santillo, depois de admitir a agonia do sistema, esqueceu as meias palavras e foi diretamente ao ponto: "Falta uma política nacional de saúde".

Era exatamente isso que pediam os três renomados professores titulares da Universidade de São Paulo, responsáveis diretos por setores-chave do Hospital das Clínicas. Os médicos conhecem perfeitamente a necessidade de maiores recursos, mas repetiram insistentemente que só dinheiro não basta. Na atual situação do atendimento médico e hospitalar deste país, oferecer apenas recursos será como anestesiá-lo: aliviam-se as dores, nada mais. É preciso

agir para que o sistema de saúde brasileiro "saia da UTI" para usar expressão do ministro.

Acompanhados do secretário da Saúde do Estado de São Paulo, os três professores, participantes da mesa-redonda publicada domingo, apresentaram ao ministro os planos de ação instantânea e as metas prioritárias que precisam ser atendidas, caso se pretenda mesmo enfrentar o caos. Depois de ressaltar que suas preocupações não se circunscrevem à "situação do Hospital das Clínicas", mas sim a toda a rede hospitalar paulista e brasileira, mostraram a necessidade de regionalizar e hierarquizar os chamados "hospitais terciários" (os especializados) enquanto plano de ação, definindo como prioridades imediatas tanto a reativação dos leitos existentes, como a reconstrução de padrões salariais de dignidade mínima para os hos-

pitais de emergência.

O secretário da Saúde paulista, Carmino Antônio de Souza, garantiu que "em uma semana" deverá aumentar o repasse de recursos para área da Saúde do Estado; garantiu também a aplicação de um "plano de emergência" para a região metropolitana de São Paulo, repetindo o diagnóstico apontado em nosso caderno: "Somente com a organização do atendimento básico nos postos de saúde" é que se vai aliviar o quadro de horror vivido nas emergências dos hospitais, o maior deles vivido pelo Hospital das Clínicas. Como palavras nada custam e promessas não são feitas de aço inoxidável, os três professores da USP,

com larga experiência nesse tipo de encontros, sempre inundados pelas boas intenções, optaram por um prudente silêncio na hora das despedidas.

O ministro Santillo incumbiu-se de informar que em 1990 o orçamento de sua pasta ultrapassava US\$ 13 bilhões e neste ano está muito perto de US\$ 6 bilhões. Para alterar essa realidade, para impor a "saúde como prioridade" como quer o ministro é preciso vontade política do

poder. Quando o governo não consegue nem mesmo convencer a Previdência Social a repassar o que é legalmente recurso da Saúde, pode ter-se muita esperança em grandes mudanças na agonia da saúde pública brasileira?

O problema da saúde no Brasil é de vontade e decisão políticas. É isso que tem faltado sempre